

A psicoterapia em busca de Dionísio: Nietzsche visita Freud¹

Viviane Melo de Mendonça²

Alfredo Naffah Neto nasceu em São Paulo em 1947, tornou-se psicólogo pela PUC-SP, mestre em Filosofia pela USP e doutor em Psicologia Clínica pela PUC-SP. Durante vinte anos trabalhou tendo como referencial teórico o Psicodrama, estando no momento desenvolvendo um trabalho por ele denominado de Psicoterapia Nietzscheana. Na PUC-SP coordena o *Núcleo de Estudos da Subjetividade* do Programa de Estudos Pós-Graduados em Psicologia Clínica. Publicou as seguintes obras: *O inconsciente - um estudo crítico* (Ática, 1995); *Paixões e questões de um terapeuta* (Ágora, 1989); *O inconsciente como potência subversiva* (Escuta, 1992).

Em *A psicoterapia em busca de Dionísio: Nietzsche visita Freud*, Naffah Neto discorre sobre a filosofia nietzscheana, relacionando-a com a psicoterapia, tomando como ponto de partida a psicanálise freudiana. Neste percurso desenvolve conceitos que embasam sua proposta de um modo de fazer psicoterápico denominado de Psicoterapia Nietzscheana, redefinindo noções fundamentais de psicopatologia e psicoterapia.

A forma de escrita do autor é aforística, o que possibilita uma melhor articulação de conceitos entre duas áreas específicas (filosofia e psicanálise) e, dessa forma, uma maior dinamicidade em suas argumentações, adequando-as a sua posição filosófica subjacente.

A obra é dividida em quatro partes: Primeira Parte: *por uma psicoterapia genealógica*; Segunda Parte: *psicopatologias*; Terceira Parte: uma concepção da personalidade; e Quarta Parte: *A psicoterapia em busca de Dionísio*.

Na primeira parte, o autor, em quatro aforismos, procura articular a genealogia da filosofia nietzscheana com a psicologia e a psicoterapia. Nesta articulação, baseando-se nas idéias de Nietzsche, concebe que o objetivo da psicologia é de investigar a origem e a história dos sentimentos morais, atendendo que a moral vigente, niilista, é concebida como *doença*, e que, portanto, o projeto da psicoterapia genealógica é o transmutar valores e recriar o sentido da vida, bem como separar a psicologia de prejuízos e apreensões morais, e ampliar a psicologia clínica para espaços que vão além dos limites da clínica (educação, artes etc). O psicoterapeuta, nesta perspectiva, é um instrumentador da mudança, de transformações de valores morais que impedem a potência criadora e o desenvolvimento da produção de novas formas de vida.

Em vinte e dois aforismos, a segunda parte da obra se centra na psicopatologia, redefinindo a saúde e a doença pelos conceitos nietzscheano de nobreza e escravidão. Estes conceitos dizem de formas de vida e tipo de moral, ou seja, os definem em dois modos de expressão de forças: circuito-nobre (salutar) e circuito-escravo (ou neurótico). O nobre corresponde, no pensamento de Nietzsche, a uma forma de vida afirmativa e criadora de valores, corresponde à saúde - definida como o autodomínio e disciplina que capacitam o indivíduo a habitar na multiplicidade, no excesso de forças plásticas que dão forma à vida. O circuito-nobre é composto de forças ativas e forças reativas, onde há o domínio das primeiras sobre as segundas. No circuito-escravo, ao contrário, as forças reativas se sobrepõem às ativas, possibilitando um universo em que os valores morais (de sofrimento, autopiedade etc) predominem, dominando o indivíduo pela impotência e o ressentimento.

Baseando-se nestes conceitos de circuito-nobre e circuito-escravo o autor re-conceitua a neurose, a histeria, a fobia, o sonho, a criminalidade, a perversão, o delírio, a alucinação e a loucura -

1. NAFFAH NETO, Alfredo - *Psicoterapia em busca de Dionísio: Nietzsche visita Freud* - São Paulo: EDUC/Escuta, 1994, 147p. 21 cm. - (Linhas de Fuga)

2. Mestranda - Pós-graduação em Psicologia Clínica - Puccamp/CNPq. Endereço para correspondência: Rua Alvaro Antonio Zini, 418, Jardim Chapadão, Campinas, SP, 13066-150.

criticando nesta perspectiva, o modo psicanalítico freudiano de concebê-los, ao questionar as noções de recalque e trauma como elementos participantes da gênese destes fenômenos psíquicos. Segundo o autor, é o jogo de forças ativas e reativas que configura o comportamento humano e suas reações diante do mundo. Vale ressaltar que na sua concepção de loucura ele insere um terceiro circuito: o circuito-louco, onde há o predomínio exclusivo de forças ativas.

A concepção de personalidade na obra é disscorrida na sua terceira parte, em dois aforismos. Personalidade é definida pelo autor como múltipla e composta de variados circuitos de forças e máscaras correspondentes, estando ela em constante devir e mobilidade. Há na personalidade uma luta pela hegemonia entre os tipos de circuito (circuito-nobre, circuito-escravo e circuito-louco), que a compõem e a configuram. O autor, tendo como referencial este conceito de personalidade, faz distinção entre *ego* e *self*. O primeiro se define como individualidade, uma identidade, uma imagem completa de si mesmo - algo imutável. É o *ego* como obstáculo, que se deve superar ao longo do processo psicoterápico, para que se estabeleça a multiplicidade, o acaso e o devir - fazendo com que a personalidade seja articulada a partir do *self*, que corresponde a pontos móveis de entrecruzamento de linhas de força por onde a vida se singulariza e se produz enquanto ação.

Partindo do mito grego de Dionísio, na quarta e última parte da obra, o autor propõe um outro modo de fazer psicoterápico: a *psicoterapia nietzscheana ou genealógica*. Nesta psicoterapia, o terapeuta tendo o *acolhimento* como uma função que cria “assento e morada” (*éthos terapêutico*) para todos os circuitos da personalidade, dá condição para uma *aliança terapêutica* fundamentada por uma *seleção superior*, onde há sensibilidade para entrar em ressonância com as forças ativas e marginais do cliente. Nesta perspectiva, o autor redefine o papel da interpretação e da transferência no momento terapêutico. Interpretação é, para ele, uma forma de avaliação transmutadora de valores, capaz de produzir ruptura; ela é uma produção de sentidos a partir de um *acontecimento*, ou seja, de uma dinâmica de forças. A transferência, enquanto concebida pela psicanálise

freudiana, é criticada neste enfoque nietzscheano por se fundamentar no conceito de recalque; por ela ser um retorno do recalçado. Na concepção do autor, o passado não retorna, ele permanece, e, portanto, a produção de transferência acontece num primeiro momento como permanência e num segundo momento como repetição, ela possibilita que uma vivência que não se expressa conscientemente seja novamente expressada num processo transmutador.

Outro aspecto importante da psicoterapia nietzscheana ressaltada pelo autor, é a questão da psicoterapia individual e a psicoterapia de grupo. Ambas tem como objetivo a transmutação de valores. No entanto, para ele, é na psicoterapia de grupo que acontece um “laboratório de vida social”, em que se possibilita a criação de novas formas de sociabilidade, produzidas além e aquém das forças vigentes. Nota-se que o interesse maior do autor está no trabalho em grupo do que em trabalhos da psicoterapia individual, pois no primeiro há um favorecimento de repetição de certos sintomas que são característicos da situação grupal, não sendo eles facilmente encontrados numa psicoterapia individual.

Numa linguagem clara, tendendo para um estilo literário, poético em alguns momentos, que faz da obra uma leitura fácil e prazerosa, Naffah Neto consegue articular duas formas de pensamento (filosofia nietzscheana e psicanálise) num processo coerente e fundamentado teoricamente, sentindo-se à vontade nestas duas áreas de conhecimento para recriar e reconceitualizar vários aspectos da psicopatologia e da psicoterapia. Nesse sentido, traz valiosas contribuições para um novo pensar sobre os fenômenos humanos na clínica psicológica.

No entanto, a obra não aprofunda o fazer psicoterápico nietzscheano, faltando-lhe uma apresentação de maior consistência teórica das atitudes clínicas do psicoterapeuta. Isso, provavelmente, se deve ao fato de que é uma proposta recente e que necessita de um maior respaldo da prática para esta maior consistência.

A obra é indicada para psicólogos, psicanalistas e psicoterapeutas interessados em conhecer as contribuições da filosofia nietzscheana para a psicologia e psicoterapia, bem como interessados em refletir suas práticas a partir deste enfoque de pensamento.